

ANTOLOGIA PÓRTICO

1

Organizador: Goulart Gomes

Pode-se afirmar que uma antologia que tenha consistência literária implique num ato crítico.

Nos anos de 2001 e 2002 deste século houve uma onda de coletâneas, todas anunciando os melhores contos, poemas, romances e ensaios do século anterior. O resultado dessa pesquisa originou vários livros, dos quais alguns figuraram nas listas dos mais vendidos. Entretanto, a inadequação – para usar um eufemismo – dos critérios que justificassem as escolhas feitas deixaram os estudiosos de literatura insatisfeitos.

De qualquer sorte, há um desafio encerrado na palavra “antologia”, que significava, em sua origem, seleção de flores: só os melhores espécimes deviam ser colhidos para o “florilégio”. Esse objetivo nunca foi fácil. Não há quem queira organizar e reunir um conjunto de textos sem alguma base crítica. O organizador, reconhecido e premiado poeta Goulart Gomes, ao reunir poetas numa coletânea, selecionando-os, já realiza um ato crítico.

Nesse livro comparecem quinze poetas baianos, e um alagoano-baiano, de diferentes gerações epocais. O objetivo parece ser o de reunir em um volume poetas não tão conhecidos em termos nacionais, e mesmo, baianos, oferecendo ao público-leitor uma alternativa para o contato com poetas relativamente fora do Panteon dos até aqui considerados “maiores”. Não parece ser o foco da edição uma avaliação de “maiores” ou “melhores”, mas, antes, deixar emergirem as características intrínsecas da poemática de cada um dos poetas, sem a preocupação de uma recepção pirotécnica pelo mercado literário. E isto já implica um ato crítico.

Convidada a apresentar a coletânea, aceitei sem hesitação, desde que venho acompanhando o trabalho de Goulart Gomes, inclusive pela Internet, e foi daí que comecei a entrar em contato com sua atividade literária, inclusive como promotor da esquiava arte que é a poesia.

O escrever versos não coincide com o fazer poesia, sabe-se, desde uma primeira leitura de textos em forma poética. Mas daí até fazer-se justiça e incluir-se ou não os pretendentes a poeta num determinado cânone é difícil. Mesmo porque não possuímos, de pronto, numa leitura inicial de cada poeta, a dimensão de sua produção como um todo. Por isso é que, depois de ler e fazer algumas anotações de cada grupo de textos poéticos dos autores que comparecem nesta coletânea situo-me simplesmente como leitora, e leitora atenta, sem a pretensão de emitir juízos de valor. Farei uma breve descrição dos autores aqui incluídos por sua ordem de aparição – alfabética – nesta reunião de textos poéticos.

Argemiro Garcia debruça-se na perquirição de um mundo paralelo, a ser des-

coberto pelas sendas da poesia. Daí a fuga de uma primeira camada de realidade. Evoca e convoca mundos invisíveis, tornados possíveis pela ação poética, como se lê em “Meus anjos” (p. 12). A ironia, mesmo, o sarcasmo (“Caleidoscópio”, p.13) dirigem-se para a busca de uma saída para o impasse de viver (v. “Janelas”, p. 14). Demonstra um gosto especial pelo poema curto e uma evidente preocupação com o tempo, o qual enfrenta, poeticamente, com o recurso concretizador da metonímia, como se pode observar em “Chuva de sal” (p.19), em que a água corresponde à realidade do existir no mundo.

Carlos Valadares, na seleção aqui apresentada, labuta com uma possível identidade no coletivo onde se busca, embora a essência de seu ser resista a desvelar-se (veja-se, especialmente, “necrológio”, p. 22). é o passado que lhe pesa, as “oficinas do sofrer”, onde mergulha inexoravelmente, como em “fênix” (p. 24). nesse poeta, o amor é perscrutado como uma saída ou uma redenção. o que ocorre, nesse trajeto, é o permanente reconstruir-se da vida – atravessada pela visão político-social da realidade de seu entorno (particularmente em “incógnita” (p.26)). no belo poema “cinzas de outubro” (p.27), mergulha no dilema do silêncio, numa atitude de luta contra o que resiste mostrar-se sob forma de linguagem. o passado se mostra como permanente ameaça na totalidade desta sua amostragem de poemas (o que é tematizado em “quase pânico” (p. 28)).seus poemas, como um todo, demonstram a inquietação diante da realidade e a sua perquirição, diante da sombra inquietante de um viver ameaçador, corrosivo, destrutivo – como é tematizado em “sem vida”, (p.31).

Djalma Filho é dramaturgo, como se pode ler em sua nota biobibliográfica, e o tom de sua poética deixa entrever a inclinação para o tom e a atmosfera dramáticos. A par desta, observa-se sua incursão pelas sendas do passado, o desdobrar-se de uma morte em vida, como em “A foto na parede” (p.32) e em “Os últimos primeiros” (p. 37), no qual se depreende a presença de um deus humanizado, e em “Reforma” (p. 33), onde esse traço se mostra na experiência amorosa. Esta é uma outra constante em seus textos, como se pode ler em “Amigos antigos, velhos namorados” (p.35) – poema tecido na ausência do ser amado, sem retorno no tempo. Sem dúvida, a preocupação com a passagem do tempo subjaz “dramaticamente” à temática deste poeta.

Goulart Gomes vem de uma constante e profusa produção literária. Dir-se-ia ser esta a sua única forma de existir. Em “O analfabeto ideológico” o poeta traz à presença do leitor a figura nefasta que dá título ao poema, um ser destrutivo, incapaz de enxergar por detrás das aparências, ao qual o passado nada ensina e, por isso mesmo, rasura a possibilidade de um futuro redimido. Outra constante na poesia de Goulart é a temática erótica, da qual, entretanto, evolua uma realidade que ultrapassa o mundo dos sentidos (“L’Ana”, p.45). A preocupação com a inexorabilidade do tempo, presente em quase todos – se não todos – os seus poemas incluídos na coletânea, é claramente realizada em “Tempo farpado” (p. 46) – que perscruta o cotidiano do ser humano numa espécie de antropofagia. No entanto, busca subjugar o tempo, pelo ato poético de teor lírico – no poema antes nomeado pela metonímia “pétala”. O poeta percorre recursos poemáticos diferenciados: da economia verbal de poemas como “Poetrix”, primo ocidental dos haikais, a poemas provindos da tradição ibérica, como é “O touro” (p.48). Belos momentos de lirismo em poemas como “Alunissar” e “Istmo” (p. 50).

João Augusto Sampaio. O ludismo é parte essencial de seus poemas – como se estivesse a escolher um modo de não chorar, seja pelas experiências coletivas, seja pelas individuais. Assim é que vai transmutando o contingente no universal (v. “Blues de ninar”, p.58-9) e o universal no contingente (“João é Adão”, p. 60). Retira seus

motivos poéticos do cotidiano ou do trivial (“Cacetinhos voadores”, p. 55) e, no entanto, não os banaliza. Ao contrário, instala-os como ponto de partida para sua prospecção poética.

José Inácio Vieira de Melo. Um dos mais jovens na coletânea, conheço a sua poesia dos dois livros já publicados. Na seleção apresentada mostra uma de suas marcas inconfundíveis, qual seja o intenso lirismo permeado a seu espaço de origem no sertão de Alagoas. Este poeta se move no mundo das emoções e experiências vividas – de onde retira faces ocultas que se revelam pelo seu cantar, como o leitor perceberá com mais nitidez em “Deserto” (p.63-4). Sua busca subterrânea vai adentrando um mundo de mistérios do qual extrai seus poemas, ultrapassando a fronteira da realidade efetiva (mais marcada, aqui, em “Espelhomem”, p. 65) e, após o longo percurso, a poesia o premia com sua presença. No já antológico “Epitáfio para Guinevere” (p. 68 – publicado no seu livro *Decifração de abismos*) – num ato metonímico centrado na “égua de olhos azuis” – nos defrontamos com as realidades das perdas humanas, irreversíveis, uma característica, aliás, de sua poesia como um todo. Daí a procura de uma possibilidade do viver selvagem e puro, distante das arquiteturas urbanas.

Loreta Valadares. De modo geral, a dicção dessa poetisa é incisiva, cortante (eu diria, mesmo, viril) a despeito do substrato lírico, como se observa em poemas como “Vértices...”¹ (p. 74). Sua busca é a da essência da vida, debruçada no devir, com a ansiedade de quem procura reter o instante (veja-se a metáfora da flor) que passa e transformá-lo. Diante da inanidade das ações humanas, coloca em oposição uma realidade primeira àquela essência dos atos e fatos da vida humana e social. “Coração...” e “Tento...” (pp. 77 e 78) são exemplos convincentes da tendência temática indicada na poetisa. Também ingressa numa espécie de ludismo verbal com o qual dribla o banal do cotidiano (v. particularmente “Sono...”).

Luís Flávio do Prado Ribeiro. Em versos curtos, este poeta tira bom proveito da observação e relato das ações humanas as mais triviais, que irão revelar-se, pela ação poética ela mesma, como fundamentais (o que fica óbvio em “Nossa parte”, à p. 83). Passeia pela mitologia, quer ocidental, quer oriental, para chegar a seu lugar de origem, a caatinga, realizando uma como que fusão dos universos das experiências humanas (“Universo”, p. 84). A preocupação com o social se infiltra em seus versos, como se lê em “Samba para o Recôncavo”, p. 88 e “Homenagem a RPBA (samba)”, p.90.

Rose Rosas parte da experiência amorosa, transportada por um eu lírico de feição erótica (v. “Bruxaria”, p. 95 e “Saudade”, p.99), evidenciando a influência temática e formal do Romantismo como escola. Em termos da vivenciação propriamente amorosa, o desejo é de imersão plena no Outro (ver, como exemplo dessa característica, “Boca Suja”, p.97). A sua preocupação com os aspectos político-sociais da sociedade em que vivemos é expressada em poemas como “Saldo de guerra” (p.98). Ressalte-se essa preocupação como tendência dominante em sua rememoração do passado. Outra de suas características é o lado humorístico da vida, mais que humorístico, burlesco (“Ortodentaria(mente)”, p.96).

Vladimir Queiroz. Este poeta encerra a coletânea. Da qualidade proteica da vida retira sua força elocucional. Essa inclinação não o impede, em outros momentos, de

¹ Cito o primeiro vocábulo do primeiro verso de cada poema, já que esta poetisa não dá título a nenhum deles.

uma apropriação lírica da realidade, predominante na maioria dos poemas, provinda de uma geografia rural – marcante em quase todos os seus poemas (ver, particularmente, “Canto da terra”, p. 103). Daí provém o caráter pictórico, quase arcádico, de suas incursões nas realidades que evoca. A essa marca inconfundível de seu estilo se mesclam outras geografias, como se verifica em “Global”, à p. 107, ressaltando, também a vivência do dia-a-dia urbano (“Zunido”, p. 110).

Estão aí, se bem que de modo sintético, alguns aspectos da poesia produzida pelos poetas aqui comentados. Espero ter sido justa nas minhas observações. Mas o que mais espero – digo-o neste momento final – é que cada um desses poetas se aprofunde na experiência crucial da poesia, que exige dos que a elegeram trabalho e trabalho. Porque emoções, sentimentos, idéias – experiências humanas em geral – todos as vivenciamos. O que faz a diferença é o modo como as articulamos na folha em branco. Lembra-me Jorge de Lima: “Somos todos poetas, / natos poetas. / Os que têm voz, porém, podem cantar”.

Salvador, 7 de junho de 2003.

Maria da Conceição Paranhos

AUTORES

{TC ""}
{TC ""}

Argemiro Garcia{TC " 15 / Argemiro Garcia"}
Carlos Valadares{TC " 25 / Carlos Valadares"}
Djalma Filho{TC " 35 / Djalma Filho"}
Goulart Gomes{TC " 45 / Goulart Gomes"}
João Augusto Sampaio{TC " 55 / João Augusto Sampaio"}
José Inácio Vieira de Melo{TC " 65 / José Inácio Vieira de
Melo"}
Loreta Valadares{TC " 75 / Loreta Valadares"}
Luiz Flávio {TC " 85 / Luiz Flávio "}
Rose Rosas{TC " 95 / Rose Rosas"}
Vladimir Queiroz{TC "105 / Vladimir Queiroz"}

Argemiro Garcia

Miro é um desses poucos poetas que conseguem exercer a poesia com beleza e simplicidade. Também fotógrafo, sabe muito bem retratar o cotidiano, buscando-lhe os detalhes, as pequenas coisas que, através da sua pena, tornam-se grandes, ocupando o espaço real que lhes pertence.

Goulart Gomes

Argemiro de Paula **Garcia** Filho, geólogo paulistano, nasceu em 1960, filho de Argemiro e Margarida. Tem quatro filhos, todos com Mariene: Gabriela, Leonardo, Pedro e Gabriel. Obteve dois segundos lugares, uma menção honrosa em concursos de poesia, e tem poemas publicados no *Álbum In Verso* (Petrobras, Macaé, 1995), *BrUSCA Poesia* (Pórtico, Salvador, 1996), *Antologia Escritores e Poetas da Bahia* (Petrobras, Salvador, 1997) e *Antologia Poetrix* (Pórtico/Scortecci, Salvador, 2002). É editor do *Jornaleco On Line*, do Pórtico.

Impressão

Curioso, eu vi
as rosas de Giverny
e, como todo que vê
a obra de Monet,
sorri.

Meus anjos

Os anjos do meu caminho?
perdi-os...
(quase todos).
Mas os anjos são assim: vêm e vão,
com um jeitinho...
angelical!
Seus caminhos, diferentes dos rios,
não seguem a gravidade:
há anjos que vêm, há anjos que vão.
Os que ficam, então,
felicidade nos dão.

Caleidoscópico

Caleidoscópico.
Quero meus versos assim,
mutantes,
permanentemente dançantes,
um chá beneficente!
Murmúrios,
augúrios,
gritinhos de surpresa
- ohs! e ahs! -
e sorrisos deliciados
descobrimo
duplos sentidos.
Meus versos têm
verso
e reverso.

Janelas

Olho da janela e o que vejo?
Formigas de azulejo
escalam muros de pedra;
anjos de face rosada
velam santos e orixás;
outros anjos, de cara suja,
percorrem praias e ruas,
à cata de latas e lixo.
Em torno, um e outro bicho
passam também a fuçar.
Rabiscos riscam tapumes e uma garatuja
assina-se nas paredes. Solidão flutua no ar.
Janelas, sempre janelas!
Assisto através delas
o mundo que teima em passar.
Gotas escorrem do vidro:
lágrimas? Suor?
Liberdade, Paraíso, Amaralina,
Copacabana, Imbetiba, Ondina,
quantas ruas será que eu, ainda,
percorro até me encontrar?

Meus versos

Meus versos, eu os escrevo
com a tinta negra da noite escura;
quero-os no rasto do caipora,
perseguinto atentos na penumbra afora
os passos quentes do saci e do capeta.
Quero versos de pés sujos, lama e areia,
quero-os vivos, a correr sem peia,
percorrendo, altivos, recantos imundos,
becos abandonados e trilhas desertas,
captando aqui e ali causos e histórias incertas.
Quero meus versos de pé no chão,
calos nas mãos e olhar na imensidão.

Quatro sombras

Duas crianças caminham pela rua
conduzidas pelas mãos de dois adultos;
a visão dessa cena é muito breve,
na penumbra só diviso os quatro vultos.

Quatro sombras se perdem entre as sombras
percorrendo seu caminho – displicentes?
infelizes? inseguras? Simplesmente
percorrem seu caminho entre as gentes.

Morro acima, morro abaixo

A cidade sobe, num jeito de presépio,
pelas curvas de nível e ladeiras.
Sobem, acima dela, pipas, pássaros,
nuvens de fumaça, como um véu;
sobem sonhos e orações num escarcéu.
A cada chuva descem,
nas sarjetas,
suores, sujeiras e dissabores,
incertezas e esperanças
que aguardam outro dia,
outra chance, a loteria,
para se concretizar.

Paz

Não sou guerreiro.
Não sou herói.
Guerreiros não vacilam nas grandes batalhas.
Prefiro lençóis a mortalhas.
Não puxaria um gatilho,
mas uma enxada.
Dignidade se constrói
com tijolos e cimento,
calos, calva e cãs.
Medalhas e bravatas? Coisas vãs.

Três poeiris

Sertões

Filitas feito facas,
feito lápides, são estacas
cravadas no coração do Brasil.

Vira-latas

a Marilda Confortin e Manuel Bandeira

Revirando o lixo,
menos que um bicho
é um menino.

Marinheiros

Sobre a pedra, uma gaivota
observa o remador
e estuda sua rota.

Cantiga do meu morrer

(depois de Ferreira Gullar)

Menina que não conheço,
quando eu me for embora,
me guarde de alguma forma,
me guarde por uma hora
ou duas, no seu coração.

Se no seu coração não couber,
menina que não conheço,
nem uma lembrança minha,
guarde então nos ouvidos
alguma palavra de apreço.

Mas, mesmo se uma palavra
que eu diga lhe valha pouco,
menina que não conheço,
reserve apenas nos olhos,
a imagem de um velho louco.

Se minha imagem guardar
lhe for muito sacrifício,
se vou lhe atrapalhar,
menina que não conheço:
me lembre como um estrupício.

Se essa triste memória
lhe servir só para tormento,
não se preocupe comigo;
me deixe no esquecimento,
menina que não conheço.

Cheiro de sal

Em algum lugar na infância
o mar me cheirou salgado;
não havia esgotos ou sargaço,
apenas a espuma branca,
a água fria
e a areia de grãos finos.
Tempo! O tempo voa veloz,
como gotas salgadas escorrem
na pele dos meninos.
Meus meninos brincam na água.
Meus meninos andam na água.
Meus meninos passam na água.
Não há o que os segure crianças,
ainda que o queira.
Minha vida segue com eles.

Carlos Valadares

Valadares, como bom poeta mineiro, carrega consigo a arte do silêncio na poesia. É no vácuo, no oco, no espaço vazio, no não-dito que sua poesia se faz, se impõe. Afinal, no princípio era o Caos branco do papel, preenchido, então, por suas palavras. Palavra certa, escolhida a dedo. Poesia herdeira de Melo Neto e Guimarães. Carlos? Seu nome deveria ser João!

Goulart Gomes

Carlos Valadares, 57 anos, é mineiro, de Sete Lagoas. Estudante de Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais, foi preso e torturado pela ditadura militar por sua ativa participação no movimento estudantil. Permaneceu dois anos na prisão, sem julgamento. Condenado à revelia, e vivendo na clandestinidade, viu-se obrigado a sair do país, terminando seus estudos de Medicina na Suécia e recebendo seu diploma de médico pelo Karolinska Institutet de Estocolmo, em 1980. Durante o período de exílio participou de movimentos pela anistia no Brasil. Especialista em Medicina do Trabalho e em Ergonomia, é hoje, médico da Petrobras, do Sindicato dos Bancários e do Sindicato dos Comerciários da Bahia. É membro do Conselho Regional de Medicina. Enveredando pelo caminho da poesia, já teve poemas publicados no *Anuário Pórtico 97*, nas coletâneas *Videverso*, *Nosotros* e *Hermanos*, todas do Pórtico. Publicou também o livro *Ecos do Tempo* (Pórtico), juntamente com sua esposa, Loreta Valadares. Teve poesia premiada em concurso do Sindicato dos Bancários e em Festival de Poesia do Projeto Cultural Petrobras.

Esperança {TC "Esperança "}

Aspirar o murmúrio
silêncio de mil lutas
recolhendo sons, despojos
de insanes loucos
sobrevivendo.

Erguer a lança, porém
bandeiras ao alto
cavalgando Rocinantes
em busca da utopia

Tornar-se guerreiro
em tormentosas batalhas
o impossível
viável há de ser.

Cicatrizes

Cicatrizes
vários matizes
artísticos
de sobreviventes
quase valentes?
Úlceras ardidias
inquietas
ocultas sofridas
inesperadas agonias
de inveja despojo
de alegrias desprimor
desossadas cicatrizes
de soslaio arremetidas
de gentes
mais que valentes?
ardentes úlceras
de fogo despegadas
de humanas gentes
sobreviventes.

Necrológio

Tanto de estranho oferece a vida
pavor mórbido a face empalidece
obsessiva leitura dos necrológios
procura trêmula de um nome
amigo, parente, anônimo
este morreu jovem, acidente,
atropelo. Matou-se?
Por amor, paixão, desdita
infarto, cansaço, velhice.
O nome, colega de escola, folguedo,
vizinho, a menina da esquina.
Eu me encontro em cada letra
imagino meu nome desfeito
um tempo qualquer, não me lembro
ainda continuo a buscar meu nome.

*Poesia premiada em 1º lugar no concurso literário do {TC "Poesia premiada em 1º lugar no concurso literário do "}
Projeto Cultural Petrobras, 1999, Festival de Poesia.*

Fênix

“Vida era uma coisa desesperada.”
Guimarães Rosa (Noites do Sertão)

Os escombros
as sombras
amedrontadas
atrás das serras
nas vésperas
do nascer do sol
bruscos lampejos
na vida sem freios
Súplica de beijos
desejos
eterna busca
perto do fim
do que não acabou,
ainda.
Cômodos fechados
oito cadeados
sete chaves
correntes arrastadas
do passado
atrás das serras
nas vésperas
do nascer do sol
apagar as marcas
gravadas riscadas
cicatrizes
cinzas
nas oficinas
do sofrer.
Renascer
com os sóis
girassóis
sobreviver
desabrochar
assustar o medo
de amar.

Incógnita

Ignorado
ocaso dos paradigmas
quais?
Verdades de seu tempo
aviltadas pelo dogmatismo.
Pioneiros
tirando água das pedras
construindo do nada
política é coliseu de paixões
O que é a vida
vendaval de ilusões
destruídas
tempestades de sonhos
por construir
novo antigo paradigma

Cinzas de outubro

Escute o silêncio
brado de mudas vozes
de tempos passados,
ultrapassados,
sem futuro.
No trabalho o silêncio se espalha,
fala o corpo.
Encontro de olhares
de viés.
Escute as vozes do silêncio
presságio de tormentas
súbito desconforto.
Escute o fluxo, as correntes
os subterrâneos,
nas entranhas
a varrer silêncios
e dos arbítrios
os donos.

Quase pânico

Porque a noite esconde tantos fantasmas
despertados pelo insone medo
de perder-se na trama do sono
onde náusea e quiasmas
discutem a existência do nada.
Não durmo e tenho medo
de passos antepassados
memórias desmemoriadas
sons, ruídos, diversos
sombas e luzes movediças.
Não durmo e tenho medo
da ausência do corpo a meu lado
Anseio e sinto falta
de sua presença na casa
do cheiro, perfume o que seja...
O vagar pelos cantos
o sono, o sonho, o nada
o temor de cerrar os olhos
estar só
e não despertar.

Pedaços de papel

Perdi a conta do que já escrevi
pedaços de papel rasgados,
amarrotados
atirados ao lixo,
ainda com o gosto salgado
das lágrimas, salvos talvez pelo destino
no fundo obscuro de uma gaveta
esquecidos entre as páginas de um livro
que não tive tempo de reler
e continuo a escrever
dores, sofrimentos, amores
para nunca serem lidos
falta a coragem
a oportunidade
o medo de se abrir
de abrir as portas.
Assim é a vida

Sem vida

A rotina amordaça
é o mofo, é a traça
tece a névoa
entorpece a vida
de nada tingem o tédio
o conflito obscurece
desbota o colorido
trança a rede
da descrença
atormenta o íntimo
aprisiona as cores
imobiliza
destrói os sonhos
ata as peias
correias, cadeias
A rotina odeia o sol
a luz, a vida, o amor,
a rotina
faz morrer

Descrever a obra de Djalma Filho é palmilhar caminhos do coração. O escritor, possui uma ruptura no modo de escrever e leva o leitor ao abismo das emoções. O lirismo, mesclado com romantismo e realismo, sacia aqueles que, em pequenos goles, sorvem as letras deste mestre na arte da expressão poética.

Ângela Bretas

Djalma Filho, um poeta baiano. Aos 14 anos começou a interessar-se pela arte de escrever poesia. Eleito presidente do Grêmio do Colégio Antônio Vieira, lutou pelo intercâmbio cultural entre as escolas públicas e particulares. Foi publicado, pela primeira vez, por Fred Souza Castro e arrebatou um 3º lugar no “Concurso Permanente de Contos” do Jornal da Bahia. Aos 28 anos formou-se em Admin. de Empresas. Em 1982 parou de escrever, para exercer a profissão. Em 1994 passa a integrar o Pórtico, quando recomeçou a escrever com regularidade. Hoje, quase aos 50 anos (02/06), sente que valeu a pena todos os recomeços. Em 1994 participou da Antologia *Portais*; em 1995, de *Brusca*; além de várias outras da Scorteccci. Em 1997 voltou a fazer incursões em contos e publicou pela Editora Blocos, em *Encontros*, seu primeiro texto longo em livro. Sem deixar de adaptar os autores que admira, continua a achar que o teatro é a forma mais abrangente de unir todas as artes. Ruminador de idéias, só escreveu até hoje quatro peças: *As 4 Estações* (1978), *Pelo Sinal* (1994), *Entrelinhas* (1997) e *O Noivo* (2002). Mas é da poesia que se alimenta no dia-a-dia!

A foto da gaveta

havia uma foto antiga na gaveta.

Por mais que jurasse de nada saber,
ela chorava o mais calado dos cantos tristes
- ao meu lado -
como se quisesse desmanchar, com seu chover,
o contorno da imagem à mostra, ali, cheia de espanto...

havia uma foto antiga na gaveta usada.

Eu, desconhecedor de todas as lembranças,
- novas ou antigas -
entre seus braços fui morrendo de passado
e nascendo a cada instante de silêncio
ouvi, sem surpresa, seu choro:
- Rasga?...

havia uma foto antiga na gaveta emperrada,
tão escondidinha que parecia até ter sido guardada...

havia uma foto na gaveta,
- só mesmo a foto -
pois a essência da alma que vivo
está ao meu lado fingindo-se de morta
silenciosa e quase triste
por ter me achado numa imagem do passado.

Havia uma foto na gaveta,
só uma foto:
- Coisa boba, não é?
Havia. Não há mais!

Reforma

tua forma feminina
ainda anda pela casa.

Com ela,
chegaste comigo
qual cabra-cega:
com os olhos fechados por minhas mãos
e com os dedos soltos no ar. Parecias despencar!...

seguiste-me,
corredor adentro,
atrás do caminho que meu cheiro te provocava,
qual um abre-alas.

Apresentei-te à flor de plástico no vaso sobre a mesa,
disseste-me que nela havia cheiro de campo;
enquanto, flutuando sobre o tapete barato da sala,
andavas mercando liberdade
como se em tua volta não existissem paredes, rodapés, portas nem vidraças,
enfim, nada mais que pudesse silenciar
o exercício pleno do amor.

Participei-te a cama
só para não tomares os dedos,
- dos pés! -
pois, ainda vendada,
sentes o cheiro da minha espera sobre o lençol de linho. E deitas!...

não há mais nada para mostrar-te:
Toca-me?...

O noivado

ou *Frejat e Vinicius não compareceram*

conseguieste achar a quinquagésima nona gravação de “Luiza”.
Compraste-a de olhos fechados!

sabes, há muito,
da minha paixão pelo Jobim, o Brasileiro,
e da admiração por casamentos quase eternos,

consegui encontrar a oitava gravação de “Codinome Beija-Flor”.
Adquiri-a sem duas vezes pensar!

sei, há muito,
do teu espanto pelos Cazuzas, poesia-alta,
e do desejo suave por relacionamentos estáveis.

Sáímos,
cada qual para seu canto,
em busca de uma aliança bem bonita
- com nosso jeito e cara -
para tocar nossos dedos no dia do noivado.

Encontramo-nos,
com os dedos ainda vazios,
na porta de saída de uma loja qualquer
pensando, inevitavelmente, um no gosto do outro.

E trocamos presentes:
dei-te o Cazuzas,
deste-me o Jobim;
estávamos noivados!

Amigos antigos, velhos namorados

invadi teu abraço
até sentir-me guardado
na paz que mora em ti.

Quando, feridos de passado,
éramos os mesmos ou
- até outros -
inseparáveis fingindo-nos de amigos
carimbados por tanta identidade;
e, quando o beijo engravidava,
preferíamos o silêncio,
que faz falta aos cinemas mesmo com pipocas nos fins-de-tarde,
até desapercebermos que a mão da ausência pesa muito
a cada toque desarrumando por um carinho não feito.

Invadi teu abraço o mais que pude,
só então percebi quão infantil-homem fui:
por mais que usasse calça desde pequeno,
por mais que abusasse da barba e do bigode,
por mais que fingisse a mais adulta das posturas.

Depois de invadir
tantos e quase todos teus abraços,
- enquanto pude -
senti, inteira, a arquitetura do teu corpo
nos querendo mais adultos
até acriançarmo-nos e adormecemo-nos!
Ninado pelo acalanto silencioso dos teus bons-dias,
senti-me morador nos teus abraços invadidos,
enquanto, tarde da noite, a paz regride
envelhecida pelo teu pôr-do-sol.

Silêncio de cinco pontas

há um vago silenciar...

entrei na noite dos teus braços,
adiei o dia
- o mais que pude -
de lábios mordidos
economizando claridade.

tênue, o silêncio é vago.

dois respiros em hiatos
na mansidão mais abstrata da mudez,
- quase mudez -
ditas pelas mãos contornando a alma em forma,
respiro teus ais suados de amor em resguardo
na penumbra de muito silêncio, o absoluto,
enquanto o grito do sol não arde
vago pela noite
em busca das cinco pontas
do brilho silencioso desta estrela.

Os últimos primeiros

Conheci Deus.
Estaria louco?

Era Deus, sim,
- há pouco -
com dedos paz-amor, insistindo sono às pálpebras,
pressionando-as para o sul, querendo-as fechar.

Com Ele falei o mais humanamente, enquanto pude;
em fração de segundos, tornei-me Dele íntimo:
desenvergonhamo-nos
- Um ao Outro -
nossos segredos.

Deixou-me escapar
- quase sem querer -
que jamais fora brasileiro,
mas tem uma vontade louca de passar férias na Bahia.
(os curiosos, espantados, descerram a janela na minha cara sã)

Há pouco, conheci Deus!
(os amigos lúcidos ainda dizem que pirei de vez)

Falou-me das Suas angústias,
enquanto era eu quem deveria estar deitado no divã
falando mais que a matraca da quarta-feira-de-cinzas.
Deixou-me escapar
- sem nenhum estereótipo -
que fora Um sem-lugar, Um sem-grana,
Um sem-paciência, Um sem-medo
e Um sem-espelho
- principalmente -
só para não constatar a desgraça das semelhanças.

Diverti-me muito com Deus,
- em poucos segundos -
até sentir-me, confesso, necessitado,
tornar-me Dele analista, vigia e confessor.

Nos breves poucos segundos,
- talvez os últimos -
saímos para falar a última bobagem dita entre goles de chope;
até que um amigo
- um daqueles preocupadíssimos com meu surto -
com a língua tropeçando no excesso de álcool e na falta dos óculos,
leu duas laudas e meia de páginas
provocando cochilos aos que não Nos viam;

enquanto Dele me despedia ao som de um blues-azul,
em noite de puro jazz.

Agora, menos cansado,
só, então, um pouco mais eterno,
descobri porquê Deus pressionou
minhas pálpebras:
Ele tentou fechá-las, sem querer.

Como mandava o figurino

macia,
sua pele-juventude
atraía homens a todo tempo.

os jovens a cobiçavam,
os adultos até que tentavam,
os mais velhos guardavam admirações,
as crianças
- sempre as crianças -
chamavam-na de “tia”
e torciam para, logo, logo, tornarem-se adultos
para que ela os visse como jovens também.

mas Lêda guardava-se em casa;
ao shopping, raridade,
só ia mesmo para comprar datas em dias de embrulhar presentes,
afinal de contas, tinha pai, mãe, sobrinhos e um namorado ciumento,
incansável em convites para mais intimidade:
com certeza, pensava, inimagináveis prazeres aquela pele macia lhe daria.

recusava-os imediatamente!

Sonhava casar como mandava o figurino:
vestida de um branco inquestionável,
mesmo que não tivesse provado
ainda, segundo as amigas,
a melhor fatia do bolo.

Enquanto isso, excitava
a imaginação dos seus alunos da escola,
a alucinação dos companheiros de idade,
o desejo de quem poderia estar por perto,
o carinho incestuoso dos beijos murchos.

Quietíssima,
ouvia a Billie, a Sarah, o Duke, o Tom, a Ella, a Lena, a Elis
nos vinis de voz macia,
assim como eram as do Vinícius, do Drummond, da Clarisse, da Cecília,
exceto a do João de palavra afiada,
homônimo do quase noivo,
que, num dia qualquer, quis possuí-la à força.

Em mil novecentos e noventa e quatro,
sempre com a mesma pele macia,
num primeiro de maio,
Lêda foi velada por um pai amantíssimo, por uma mãe inconformada,
por um monte de alunos, por novos sobrinhos,

por tios saudosos, babadores de gravatas,
por João, o ex-noivo, agora casado e arrependido.

Lêda morrera virgem,
só de uma coisa se arrependera não ter feito em vida:
ter assistido a primeira montagem, musicada por Chico Buarque,
da peça “Morte e Vida Severina”.

Goulart Gomes

*Todos sus libros representan una gran apostación literaria
para su pueblo e para el mundo.*

Roberto C. Alvarado, poeta portorriquenho

*Em primeiro lugar, você tem talento literário, sim, senhor.
Tem a “expressão”, o que, para mim, foi uma grata surpresa.*

Antonio Torres, escritor.

Goulart Gomes (Salvador, Bahia, 1/5/1965) é graduado em Administração de Empresas e pós-graduando em Literatura Brasileira (UCSAL). Criador da linguagem poética Poetrix e um dos fundadores do Grupo Cultural PÓRTICO. Publicou os livros: *Anda Luz* (1987), *Todo Desejo* (1990), *Sob a Pele* (1994), *Trix Poemetos Tropi-kais* (1999), *LinguaJá o Território Inimigo* (2000), *Esfinge Lunar e Outros Enigmas* (2001), poesias, a peça teatral libertária *A Greve Geral* (1997), o cordel *A Divina Comédia* (1989) e *Todo Tipo de Gente*, contos (2003). Obteve 55 prêmios literários em concursos de poesia, prosa e festivais de música, destacando-se duas **Menções** pela Academia Carioca de Letras e União Brasileira de Escritores (RJ, 2000 e 2001) e o **Primeiro Lugar** no Prêmio Escribas de Poesia (SP, 2002). Integrou 27 antologias no Brasil, Cuba, Espanha, USA, Itália e Coréia do Sul e tem, ainda, trabalhos divulgados no México, Portugal e França. Tem cinco e-books com mais de 10.000 cópias distribuídas gratuitamente (downloads). Homepages: www.goulartgomes.tk e www.poetrix.org. E-mail: jgoulartgomes@bol.com.br

O analfabeto ideológico

ou *Carta Aberta a Herr Brecht*

O pior analfabeto é o analfabeto ideológico.
Ele desconhece a importância
do respeito ao ser humano
e é capaz até de destruir tudo à sua volta
pelas suas crenças.
Ele é o pai de todas as guerras.
O analfabeto ideológico é tão burro
que ignora que milhões de pessoas foram mortas
em Auschwitz, em Kronstadt, no Arquipélago Gulag,
em Hanói, em Saigon, em Leningrado, Havana,
Hiroshima e Nagasáki
pela ignorância dos politicamente alfabetizados.

O analfabeto ideológico já não se lembra
do napalm atirado em crianças, no Vietnã
dos tanques esmagando jovens em Beijing
nem da Primavera de Praga.
Ele esqueceu dos desaparecidos
no Araguaia, em Buenos Aires,
em Santiago do Chile.
O analfabeto ideológico
explode bombas contra católicos e protestantes
em Dublin
e contra judeus e muçulmanos
em Jerusalém.

Não sabe o imbecil que da sua ignorância
nasce o mutilado, o órfão,
o neurótico de guerra, a viúva,
las madres de Plaza de Mayo,
as ditaduras.
Tudo isso porque
o analfabeto ideológico tem uma visão estreita,
uma amnésia do passado
e nenhum compromisso com o futuro.

Já leu todas as biografias dos grandes estadistas,
mas nunca a do Mahatma Gandhi,
que foi líder sem ser governante
e por isso desconhece ahimsa:
a lei da não-violência.
Em seu radicalismo
ele não ouve, não respeita, não conhece
(ainda que seja para criticar)
outras ideologias, que não a sua.

Ele está preocupado em promover
a discórdia, o confronto,
e não tem o menor respeito à Vida:
nem à sua, nem à dos outros.

O outro lado da Lua

é preciso ter carinho
é preciso ter cuidado
com o fino prazer;
não há de se fazer assim
como à vulva dela

toque-se-lhe de pelica, a luva
perfeita, cilíndrica
não havemos de adentrá-la
afoitos
trata-se de um outro coito
sazonal
e para tal é necessária
certa arte
profundo, carnudo, justo
divino prazer anal

e que também os dedos
façam sua parte
neste bacanal
duplicando, pelos lábios
os sentidos

que seja muito
que seja vasto
(e até, por vezes, virgem, casto)
entre o supremo e o visceral

L'Ana

A tarde amorenava o dia
permutando cores onde pousava
o seu toque
Lançava sobretudo sua tez
abria um leque à cara do sol
e tingia de penumbra os espaços
dos olhos dela fugia a claridão
e à volta se tingia
aquela cor de pele
espargindo a noite

A quem contar segredos?
Inútil degredo dentro
de nós mesmos
ânsia de ouvir espelhos
clamor de anos que não vieram

L'Ana e su'alma de caranguejo
subterrânea/submarina
tenazes fortes e cor baiana:
a mais doce mistura destas tendas;
seu corpo espraia-se
num descobrir de terras macias
além do Oceano (rio mais grande,
lágrimas de Orixá)
dança, noturna, feito estrela
lua-mãe cheia nos leitos
de um homem e dos rios
fazendo canastras de tarot
Só L'Ana amortece a dor
no parapeito do riso
e seus lábios rubros e ciganos
traçam caminhos, deixam vestígios
úmidos no meu corpo
e palavras em gemidos

Tempo farpado

Matamos o tempo; o tempo nos enterra
(Machado de Assis)

arame farpado
o Tempo recurva
até os pregos;
nos ferros
depõe suas marcas
amarga as madeiras
descendo as ladeiras
dos dias

A flor impera
promessa da semente
e do húmus da terra
espinhos e farpas
não cortam o vento

(o Tempo se cala)
a pétala fala
também somos eternos

Corrente

que seu silêncio me fale
que sua voz me cale
deságue-me, em sua foz

Desobediência Servil

sob o xador
completamente nua
nenhum pudor

Dádiva da vida

a ninguém devia nada
no colo, apaixonada
deu por si

O touro

com sorte verás o touro
no caminho para casa
em seu nariz uma argola
brilho dourado nas asas

um chifre mocho da queda
que tomou em uma escada
e a língua verde-oliva
pela erva ruminada

os olhos são como as luas
do planeta marciano
ápis, nandi, touro minos
boi do egypto, boi troiano

com sorte o touro verás
sem ires sequer a granada
voando sobre o cerrado
galopando na chapada

talvez, se abrires os olhos
enxergarás muito mais
o touro e sua manada
povoando pantanais

se o vires, beija o focinho
do bicho, que é pra dar sorte
alisa seu pelo de prata
acima da anca forte

com sorte verás o touro
e seu rabo de dois metros
com suas patas de bronze
e o falo como um cetro

talvez ele até puxe prosa
se estiver animado
e te conte como virou
este animal encantado

joga basquete em chicago
aqui e acolá puxa arado
no mac vira alimento
na índia, deus, seja louvado

europa e pasífae

habitaram seu harém
ele pasta na manjedoura
em Wall Street também

com sorte verás o touro
se tiveres merecimento
guarde um tanto do estrume
que é o melhor unguento

e quando estiveres indo
não faças qualquer alvoroço
com uma guirlanda de flores
adorne o seu pescoço

que o touro ficará
muito mais que agradecido
pois o boi é caprichoso
boi-tatá, boi garantido

Alunissar

um dia chegarei com passos firmes
sem cavalo
e não direi palavra;
o simples gesto da presença
apaga mágoas
e pressupõe surpresas

será um dia comum
- nenhuma ânsia -
com sol, nuvens e pássaros
no rádio, alguma música romântica
estará tocando
a torneira da pia, como sempre
pingando

um dia chegarei em silêncio
e tudo flutuará
por absoluta falta de gravidade

Istmo

ela, tão triste
ele, tão ausente
nem a lua se fez presente

{TC ""}

José Inácio Vieira de Melo {TC ""} *"José Inácio Vieira de Melo"*

{TC ""}

Teu caminho é grandioso. Tens um indiscutível, notável talento poético, um talento que faz de ti uma das grandes vozes da nova poesia brasileira.

Moacyr Scliar

José Inácio Vieira de Melo nasceu em 16 de abril de 1968, no povoado de Olho d'Água do Pai Mané, município de Dois Riachos, Alagoas. Passou a infância e a adolescência entre as cidades de Palmeira dos Índios, Arapiraca e Maceió. Mudou-se para a Bahia em 1988 – município de Maracás –, onde passou uma década morando na roça: Cerca de Pedra. A partir de 1998, firma residência em Salvador, onde faz graduação em Jornalismo, na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Publicou os livros *Códigos do Silêncio* (Selo Editorial Letras da Bahia, 2000) e *Decifração de Abismos* (Aboio Livre Edições, 2002). Obteve o primeiro lugar no prêmio literário de 2001/2002 da revista de literatura, crítica e arte *Iararana*, instituído em homenagem ao poeta Sosígenes Costa. Tem pronto e inédito o livrete *Luzeiro* (*Três cantos peregrinos*) e o livro *A terceira romaria*.

E-mail: jivm.inacio@ig.com.br

Caramujos

Os caramujos da Ribeira do Traipu
mugem em um tempo que se foi.

Os caramujos eram os bois da minha boiada.
Quando os invocava era prontamente atendido,
mas eles tinham lá seus nomes e seus matizes
(e ali já estava o poeta batizando as coisas):

e vinham Manjerona, Paixão, Diamantina,
Fachada, Chuvisco, Carnaval, Meia-Noite,
e vinha toda a vacaria de caramujos
encantar aqueles dias com seu leite de sonhos.

De repente, dava um redemoinho
na minha cabeça de vento
e já era outra história:

Ivaldo, numa atitude inaugural,
– possível apenas para quem goza
da sabedoria dos cinco anos –
bradava para que fossemos
ouvir o mar nos caramujos.

[*A terceira romaria* – livro inédito]

Deserto

Nem o deserto do Saara mais todo o Sertão
são desertos quanto o eu deserto.

E segue o peregrino na aridez dessa demência:
deserto dia – noite deserta: a mesma intensidade.

E de repente vejo o que não vejo,
o vôo que sempre levanto e nunca voei,
e assomam os meus fantasmas:
anjos e demônios e poetas e vampiros,
putas e bruxas e santas e fadas,
deus e deuses e musas e a mulher,
vaqueiro e cavalo e gado e cachorro,
música toada, música embolada, música zoada.
E Moisés Vieira de Melo – meu avô –
tangendo esses bichos todos
dentro do deserto do romeiro de mim.

E os desertos cantam na imensidão do nada,
e canto este canto meu (porque de dentro):
eu não sabia do caos do eu,
eu não sabia da miragem que tudo é,
eu não sabia da angústia,
eu não sabia do gozo.
Eu, sabiá...

O deserto de mim diante de todos os olhos.

E assim segue o peregrino
– nessa romaria que o sufoca e o deleita –
em busca de oásis,
abrigo de mim.

O peregrino – deserto a buscar.

[Decifração de Abismos]

Espelho

*Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Cecília Meireles

Que ninguém se engane:
os caminhos são tortos

E no sertão do ser
– deserto e mar
nossos de cada dia –
o outro nome do nome:
HOMEM

E no oráculo antolhar:
a imagem é a dor escarlate
de um labirinto
onde vago vago

E indaga o oráculo:
– Qual a tua graça?

Como o quem? Saber como?
Tal Torquato com fé ficciono
e confecciono a palavra

Poeta há de ser a graça

E indaga o oráculo:
– O que fazes de teus passos?

O que dizer dos rastros
conquanto já não são meus?
Como aquele Minotauro cego
sigo pela noite
guiado pela menina poesia

E o oráculo:
– Não haverá mais tempo
apenas a poesia:
Mãe e Manhã

[*Códigos do Silêncio*]

Maturi

para Cássia{TC "para Cássia"}

A primeira vez não tinha paredes,
havia um voyeur: a Lua.

Um cajueiro frondoso
abençoava aquela descoberta
farfalhando suas folhas,
e das folhas secas
que buscavam a terra: o colchão.

E tudo conspirava para o êxtase:
os olores dos cajus,
o agridoce gosto da deusa morena:
musa canora que entoava gemidos
– cantigas sopradas pelos deuses.

Na primeira vez,
senti, pela primeira vez,
o mistério das estrelas.

E as vacas pastavam
na mansidão dos campos,
na imensidão da noite.

[*A terceira romaria* – livro inédito]

Epitáfio para Guinevere

*Cavalos já foram pombos
de asas de nuvem.*

Domingos Carvalho da Silva

Meus cavalos choram por ti, égua de olhos azuis.
Não mais invadirei o vento montado no teu galope.

Que fique inscrito na tua lápide
o verso de lágrimas dos meus cavalos.

Para tu, que trazias os céus dentro dos olhos,
o relinchar da paixão pagã
dos cavalos que trago dentro de mim.

[*Decifração de Abismos*]

Mãe Filha {TC ""}

Ela não oferecia pão a um carnívoro,
ela era a carne e a caridade,
era a ovelha dos desgarrados.

A cruz recebia entre as pernas,
o seu sino era no meio das pernas,
ela era a sua própria igreja.

Ela tinha a ferida e a cura,
e todos os homens salivaram ali,
e todos ganharam o lamento do sino.

Era a vida dA *Casa das Primas*,
ninguém jamais saiu daquele templo
seco em seus apetites.

Para uma sede, outra sede maior;
para a solidão, os sentidos de Mãe Filha
e de todas as suas discípulas – as primas.

[*A terceira romaria* – livro inédito]

Loreta Valadares{TC "*Loreta Valadares*"}

A poesia de Loreta é de uma beleza indizível, talvez por ser tão incomum. Sua matéria-prima é a memória, o passado (tão presente!) e aquela coisa - quem sabe exatamente o que? - que nos falta.

Poesia sentida, feminina, forte como uma mulher. Como ela é, esta "menina", simplesmente uma das melhores poetisas da Bahia.

Goulart Gomes

Loreta Valadares, 60 anos, é nascida em Porto Alegre, RS, mas passa sua infância e adolescência em Salvador, tornando-se baiana de coração e de direito, pela generosidade da Câmara Municipal que lhe concede, em 1994, o título de Cidadã de Salvador. Forma-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia na rebelde década de 60, tendo destacada atuação no movimento estudantil. Perseguida pela ditadura militar, é presa e torturada em 1969, permanecendo um ano no presídio de Linhares, Juiz de Fora, MG. Ao sair da prisão, descobre grave doença cardíaca. Julgada e condenada à revelia a 3 anos de prisão e, por conta da condição cardíaca, vê-se obrigada a deixar o país. Durante o exílio em Estocolmo, trabalha como jornalista e comentarista da Rádio Suécia e tem ativa militância nos comitês de luta contra a ditadura no Brasil. De volta ao Brasil, em 1980, torna-se professora de Ciência Política da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, aposentando-se em 1993. Seu contato com a poesia é antigo, desde os tempos de estudante, mas só tem sua primeira poesia publicada na antologia *Nosotros*, do Grupo Pórtico. Depois, participa do *Anuário 97*, e das antologias *Hermanos* e *Mulheres 10*, do mesmo grupo. Casada com Carlos Valadares, publicam juntos, em 1996, o livro de poesias *Ecos do Tempo* (Pórtico).

Não te esqueças
de mim
minha memória...
a vida que levei
as lutas que ganhei
e as sem vitória.

Não te esqueças
de meu sonho
a gargalhada
e de minh'alma
apaixonada
que te fique
a lembrança
enlouquecida
de viver
intensamente
aos arrancos
sem prantos
totalmente
sem fôlego
Paixão
descabida
de revirar tudo
tudo
tudo...

Não te esqueças
de mim
minha angústia
o tempo
que perdi
as portas
que bati
a tormenta
o fracasso...
Que de mim
te recordes
a ânsia
de ultrapassar
limites
e arrancar
raízes

Maldita
teimosia
de não desistir

nunca
nunca...

Vértices

conexos
ângulos
inversos
caminhos
díspares
delicada
flor
(recém)
desabrochada
em terreno
árido.
Para onde vai
o que não foi feito?
Ah! Se eu soubesse...
Ah! Se eu soubesse...

Sei tudo
e não sei nada.
Vida transpassada
alma inquieta
sonho sem limite
estreita passagem
perfeita miragem...

E
não sei nada
de tudo.

Não posso ter perdido
o que nunca tive
nem ter vivido
onde não estive
não posso ter chorado
a lágrima não vertida
e sequer ter aplacado
essa paixão ensandecida
de revolver a vida
tão completamente
e me tornar cativa
dos caminhos
sinuosos
da liberdade
(re)nascente.

Mar

maresia
maremoto
mar morto
marulhar
maravilha.
Mar de rosas
mar alto
encapelado.
Mar aberto
maré cheia
longe mar
beira-mar
Marejar
Lacrimar
.....
Navegar...
navegar
onde-mais
em-que-mar....

Coração,
para quê?
Eixo
do corpo
qual
eixo
do mundo
a executar
a rota
da esfera celeste.

Coração,
para quê?
Viver?
Sentir?
Ou, simplesmente,
com Fernando Pessoa,
“sentir com a imaginação
e não usar o coração”?

Coração,
para quê?

*T*ento

não ficar
triste
mas a dor
existe
e a espera
fere
como faca
em ponta
apontando
o instante
que pisca,
pisca
e não brilha...

(e onde é
que está
meu livro
de inglês?)
Não achei...
Não achei...

(enquanto esperava na fila do banco)

Sono

esquisito
infinito
sonho
espera
de tempos
encantados
de desejos
impossíveis
de trilhas
invisíveis.

Abro
os olhos
e espio
pela janela:
nenhum sinal
da noite.

Flor

Floreio
Florada
Flor-de-lis
Flor-da-noite
Floral
Floresta

Florete.
Ferino
Corte

*H*umanas vozes

em gritos
de silêncio
clamam
da vida
uma resposta

Vazados olhos
em visões
sinistras
espreitam
no mundo
a loucura

Paira
sobre ondas
revoltas
(a) tormenta
do tempo
presente

Feixe
de luz
e sombras
atravessado.
Punhal
cravado
no peito
da humanidade

{TC ""}
Luiz Flávio do
Prado Ribeiro

Procedente de uma legítima estirpe de escritores, Luiz Flávio não deixou por menos: aliando a extroversão carioca e a “ginga” baiana, consegue transitar com facilidade entre a poesia e a música, enriquecendo-as de ritmos e imagens, romance e alegria.

Goulart Gomes

Luiz Flávio do Prado Ribeiro, é baiano há 22 anos (originalmente carioca). Engenheiro e petroleiro. Participou de **n** antologias pelo Grupo Cultural Pórtico, tendo lançado um livro que reuniu três gerações, contando com trabalhos de seu avô e de seu pai: *Poesia do Prado Ribeiro*. Com o grupo musical Paroano Sai Milhó, do qual participa há 13 anos, gravou três CDs. Casado com Christiane, tem 4 filhos, 2 violões, 1 cavaquinho, alguns sonhos e muito amor.

Buarquianas nº1: No lugar {TC "Buarquianas nº1\ No lugar "} {TC ""}

Ele já vai
e eu nem me despedi.
Vai resoluto,
ajeitando a gola
e eu aqui de camisola
de cor de luto.

Ele já foi
e eu nem me despedi.
Incontinenti,
bateu a porta,
assim como quem corta
o ar da gente.

Por quê assim,
se tantos anos se passaram em alegria,
e outros tantos, tantos dias,
tanta estrada,
entre prantos de esperança,
entre juras de mudança,
pra levar a nada ...

Fica a vida tão pequena,
a cama grande demais,
a saudade vem sem pena,
a tristeza não fica atrás.

Homenagem à RPBA

Samba composto em Candeias (Disul), 1983

Jorrou
o primeiro poço em Lobato
e ali começou de fato
um grande movimento
que teve o seu momento
com a Lei 2004

Fruto das aspirações brasileiras
de salvaguardar o país
da intromissão estrangeira
essa lei nos garantiu o monopólio
para industrializarmos
o nosso petróleo

E após tantos anos a velha Bahia
que não tem mais a primazia
dos novos e grandes achados
ainda trabalha com valentia
pra produzir
o seu volume provado

Prestamos a nossa homenagem
a essa Região de Produção
e de tradição:
Água Grande, Taquipe, Araçás, Lamarão
Fazenda Bálamo, Miranga, Remanso, Dom João
Candeias, Brejinho, Imbé, Conceição
Malombê, Buracica, Mata de São João

Jorrou ...

Samba para o trabalhador do Recôncavo

Todos os Santos desceram do céu
com arco-íris, pincel e cinzel
e assim criaram, num lindo desenho
um monumento de arte e engenho ...

Mas o Recôncavo
não é só a riqueza de seu solo encantado
não é só a beleza e o nome histórico
é também o suor de seus anônimos heróis
que pela vida
vão deixando a força e a voz

É também a viagem
passagem num mundo de fé e coragem
onde a nobreza é a nascente e a foz

Por isso navega ...

Navega, navega
barcaça de cacau
nas ondas tão doces do canavial

Moinhos de sonho são dor e prazer
mão na massa, pé na estrada de massapê

Cavalga, cavalga
cavalo-de-pau
explora esses campos com alto ideal
que a luta, conduta de vida,
é força moral.

Salve o trabalhador:
Herói nacional !

Nossa parte

*E*nchi do vaso
o espaço terra.

Plantei
adubei
reguei.

Hei de colher,
que a flor
não erra.

*Á*rvore que se planta{TC "*Á*rvore que se planta"}
e rega,
não nega
a seiva.

O fruto-futuro,
sem eiva.

Rose Rosas

Uma característica marcante da poesia de Rose Rosas é ter a medida exata do erotismo: nem exageradamente vulgar nem sutilmente pudica; excitante, sem ser banal, ela escreve como as grandes poetisas que seguem este estilo souberam fazer, com a leveza e a profundidade típicas da sexualidade feminina.

Goulart Gomes

Rose Rosas, nascida sob a influência do signo de Aquário, nasceu no Rio de Janeiro, no dia 23/01 onde foi registrada com o nome de Rosemary Barreto. Ainda menina veio para a Bahia, onde estudou e criou raízes profundas. Baiana de coração, fez Química (ETFBA) e Licenciatura em Matemática (UCSAL), além da faculdade da vida, onde ganhou uma centena de amigos. Mudou radicalmente na profissão ao aventurar-se na área de Informática, onde atua até os dias atuais. Tem uma família muito amorosa, que lhe enche de mimos e atenções, gosta de ler, escrever, pintar, dançar, muita praia e jogar conversa fora com os amigos. Participou por oito anos do Coral da Petrobras, três deles como coordenadora; participou do Grupo de Teatro da Petrobras durante três anos. Fez, entre outras peças, Cajazeiras City, apresentada no Teatro UEC. Faz parte do grupo musical *Nós e Voz*, junto com mais três colegas, onde interpretam MPB. Fundadora e ex-diretora cultural do Grupo Cultural Pórtico, participando de diversas antologias, tais como: *Tempoema*, *Nosotros - Brasil/Espanha*, *Anuário Pórtico* e *Mulheres 10*, dentre outras.

Este momento...

Beijar bocas que não são as tuas
deixar-me dedilhar
por tons que não são os teus
misturar salivas
odores, energias vãs
não-sãs... ilusão...
inútil vontade
de preencher o vazio
da ausência deixada
pelo brilho dos teus olhos
pelas “meninas” imersas de luz
pelo cheiro não dado
e o beijo não roubado
queria ter sido mais louca
optado pela perda da razão
gritado sobre tua pele
num êxtase desconexo...
queria tão pouco...
um colo, um afago talvez
mas fostes mais técnico
traçastes metas, parâmetros
métricas... paredes...
avaliada sobre distâncias relativas
desvios-padrões

Não consegui a média exata
da quebra de tuas barreiras
e vencida... recuei
calei...
e assim permanecerei
em respeito à tua fuga
abrandarei o queimor em meu corpo
apagarei o fogo e
jogarei água nas cinzas
para que mais tarde
desavisadas ou remexidas
não renasçam em pequenas fagulhas
evidência concreta
de um vulcão adormecido...
por não ter te consumido...
junto comigo

Quero caetanejar esta poesia
Para calar a voz e o eco
Que vaza da minha fantasia...
Quero ser inexata
E ao mesmo tempo objetiva
Ser campo minado
de rimas e versos loucos
para ser então compreendida
sara a tua febre
e ser o antídoto dos teus queixumes
quero ser luz de vaga-lumes
do topo o cume
a cor da lambida
dada em teu ventre
a onda nascida
desta invasão atrevida
ser a ogiva ativa
que explodirá... vida!
hoje, como antes
em tons de amantes.

Bruxaria

O gato brilhou no escuro da noite
Seus olhos viraram brasas
Pontos de fuga
Nas trevas do meu eu
Meus pelos emergiram em riste
Sugaram a energia da lua
Acordou a feiticeira
Voou no espaço...
À velocidade da luz
Pactuou com o silêncio
A quebra dos paradigmas
Dos feitiços traiçoeiros
Dos sacrifícios insanos
Do destino em desalinho...
Quem se atreverá a mudar o rumo?
Desviar-se da trajetória?
Um uivo ecoa no breu
Sai da terra um lamento
Meus pensamentos invadem
As mentes dos desesperados
Meu coração se apieda
das dores dos homens...
Lanço uma praga ao vento
Transmuto a insanidade do mundo
Amanheço renovada...

Ortodentaria(mente)...

Entre dentes de cercas quebradiças
desnudava-se um céu sem estrelas...
havia um riso escondido pelos cantos
tentando em vão não explodir...

O momento de dor jazia no passado
restava a incerteza da beleza perdida
de coisa sobrando, de corpo-estranho
de dificuldade em digerir...

O motivo de piadas dos amigos
o contorcionismo diante ao beijo amado
a sensação de rosto crescido...
e arame-farpado se partindo...

E nada incomodava mais do que o tempo parado...
a vontade calada de acelerar os dias
a aceitação momentânea de vencer as horas
pra surgir mais bela... e morder inteira... a poesia...

Para “Boca Suja”

Deixe que a minha língua
Avance errante e ande
Pelos quatro cantos do teu corpo...
E sacuda o pó, o mofo
Lave-o de forma íntima
Lasciva e ardente
E te consuma inteiramente...
Até que quedes morto
De gozo, da luz de enchente
Que parida das profundezas
De tuas entranhas
Nos alucine e devore
E mesmo sendo ínfimo
O tempo presente...
Que possamos
Nos perder em nós
Completamente...

Saldo de guerra

Jamais senti tamanha ira
Emergirem das entranhas
Como lavas desnorteadas
Sanguinariamente atentas
A arrasarem tudo à volta

Suei o odor dos desvalidos
Dos que já não temem mais a morte
Apenas esperam a trajetória do míssil
Brinquedos de marionetes dos mais fortes
Totalmente incoerentes
Abuso de poder
Força bruta infantil
Quedas-de-braços
Leis de um louco prepotente
Deformando tudo à frente

Mentirosos donos do mundo
Salvas estão apenas as nossas almas
Estas sim... imunes, perenes e eternas
Jamais dolarizadas pelo poder
Que mata, explora e mente...

Podem escravizar nossa história
Humilhar-nos e destruir nosso lar
Seremos vegetais em escombros
Filhos órfãos, mulheres sem teto
Serpentes arrastando-se no vazio
Jamais perderemos a força
Da reconstrução de nossas vidas
Até cicatrizarmos nossas feridas
Sobreviveremos...

Saudade

E ele chegou sorrateiro
Alinhando sua língua
Aos meus apelos
E se enroscando em mim
Como um novelo...

Desvendando-me os véus
Desbravando-me inteira
Enchendo meu ser de "Todo Prazer"
E de promessas de terra e céu...

Mãos, mentes e fusão de corpos
Cavaleiro de flor nos dentes
Foi menino metido a valente
E incendiou-me por dentro

Ateando-me fogo no ventre
Fez arder minhas entranhas
E fez-me teia entre-coxas
Inundando-me de manhãs...

Sem me dizer adeus, ele partiu
Deixando-me só entre os lençóis
Com teu cheiro tatuado no quarto
E a saudade dilacerando minh'alma...

Senti o acariciar do silêncio
Quedei muda, tamanha ausência no ar
Em meu rosto nasceu um sorriso
Certeza que à noite... ele me inundará.

Seja um dia após o outro
leve embalar de uma oração
Seja o teu corpo todo exposto
As notas tortas desta canção

Que seja louco meu despertar
serpenteando-te na terceira dimensão
seja o teu riso o meu porto
e os teus olhos... a direção

Que sejamos livres do pecado
Assim no céu, como na guerra
E sejamos frutos do amor
E de toda paz que nele encerra

E se não tivermos esperança
Que renasça a luz no fim do túnel
E se farte de gula toda a treva
Sem quebrantos ou covardias

Possa eu num só momento
Desnudar toda a magia
De querer-te tanto e tanto
Sem pudor nem fantasias

Para vivermos intensamente
a cada dia...

Vladimir Queiroz

A poesia de Vladimir Queiroz é um achado pluralista: afinal, é múltipla, latina, ibérica, gaulesa, romana, teutônica, bretã, negra, mulata e branca.
Goulart Gomes

Vladimir Queiroz herdou do pai o gosto pela poesia. Seus primeiros versos foram escritos na infância. Aos 12 anos venceu um concurso escolar de crônicas. Participou do jornal *Categoria*, periódico de circulação interna no colégio onde estudava, tendo aí publicado seus versos, ainda em Feira de Santana, sua terra natal. Aluno exemplar, era mestre em matemática, química, literatura, língua portuguesa, história. Em 1981 transfere-se para Salvador, formando-se em engenharia química no ano de 1986, porém nunca deixou de escrever. Em 1987 ingressa na PETROBRAS, especializando-se em engenharia de petróleo. Por um tempo a literatura andou esquecida, mas não abandonada. Em 1990 volta a escrever com disciplina e em 1996 publica seu primeiro livro: *Seres & Dizeres* (Pórtico Ed.). Embora a intensa atividade profissional mantenha-o afastado do círculo lítero-cultural, em 2001 publica o livro *Terracota* (As Letras da Bahia), uma exaltação ao homem sertanejo, um retrato da origem familiar. Sobre esta obra Franklin Maxado escreveu: “É poesia pós-moderna misturada ao concretismo para construir suas imagens”. Para 2003 a promessa de publicar mais dois livros.

Avesso

Eu quero que as mãos se separem
e entrem por dentro das vísceras dos animais
sintam o cerne e não se desesperem
encontrem o ser
e percebam o mundo do outro lado da pele.

Eu quero encontrar o sentimento,
meu alimento,
e gritar aos ares, aos ares
e respirar a tribo dos ecologistas geniais;
defumar-me na fumaça
dos ancestrais,
banhar-me no Ganges, purificar a alma
e “desvestir” a pele dos lobos colossais.

Eu quero no fim de tudo, no fim da tarde
tua manha descabelada
tua vinda descabida
a me apertar contra o peito
deixar-me sem jeito
dois animais.

Eu quero que as mãos se separem
entrem por dentro das vísceras
e descubram mais
descubram mais...

Canto da terra

A terra do rouxinol
é roxa,
rocha exposta emergida
ferida - roncha.

A terra do curió
é branca,
sanca de amor brando
soando manca.

A terra da saracura
é muito escura,
faz cócegas num córrego
e dura.

A terra no canto,
canta
em pranto.

Chuva na serra

Após a chuva na serra
sopra aquele vento,
penetra no osso e gela a alma.

Mas a paz e a calma são sublimes
e transcendem.
Invade-me um vazio,
uma sensação de flutuar,
e por mais que te pegue,
sinta a pele e o braço,
é como se estivesse no ar
pétala por pétala.

A neblina deixa-me ver unicamente
um contorno de serra,
uma indefinição curvilínea...
Defronte a mim só uma imagem,
uma moldura impressionista,
e nada mais.

Emoção

Solta e rebelde vai a emoção
voa
visita estes recônditos mundos
inesperados e fascinantes
desperta a vontade
cria insanidades
e se desmancha pela cria
(que chora e esperneia);
mancha o papel de cores
combina amores
curte dissabores
e ronda a madrugada.
Solta e rebelde vai a emoção
não impõe limites
nada teme
sofre de tensão
sorri
sente calor
e calafrios.

Formas

A inércia que constrói o tédio
precisa ser vencida
e do atrito louco se desvencilha
entrando em erupção o vulcão
de formas e cores.

Formas ainda não concebidas
do objeto retraído
nas reentrâncias vastas,
do vasto mundo cerebral, incongruente;
que indolente, o Homem, ignora.

Misticizada e lírica
do prazer contrito
a magia oculta
se solta.

E a forma estranha, para o ser
despercebida, algures repousa
e surge mais tarde
no fim da tarde, talvez!

Global

Tem um apelo global junto a mim,
mas a minha pele ainda é local,
aninha-se numa árvore conhecida
onde crescem musgos após a chuva.

Quer suar no Saara e sonhar por miragens;
desfrutar os Fiordes, ser um lorde britânico,
mas não dispensa o balançar de rede
o vento soprando frio em noite de lua cheia.

Tem um mundo global que me faz chorar na
deixa-me distante, ouvindo circunspecto um som
Namíbia,
mongol,
sou oriental por um instante,
sinto-me repleto de Mahatmas:
transcendo,
mas tem um mundo local que a mim traz bem cedo
o cantar de um pintassilgo,
e a minha cama enche-se de êxtase.

Tem um mundo global que imanta os pólos
e desmancha os sonhos,
mas tem um mundo local que me toca de repente
deixa-me carente de você, cheio de amor.

Hábito

Se acordo cedo nas manhãs de domingo
não é porque vá viajar
nem tampouco tenha compromisso;
ninguém me chamou,
não tocou o telefone.

Se acordo cedo nas manhãs de domingo
é porque adoro ver o sol nascer
sentir aquela calma matinal
ouvir o curió que canta na casa ao lado;
ver as primeiras pessoas que passam:
o vendedor
o jornaleiro.

Se acordo cedo nas manhãs de domingo
é por força do hábito.

Lamparina

A lamparina acesa
clarão de choupana
brasa
incendiando o silêncio.

Filete de luar balançando ao vento
mil marionetes negras:
fantasmas das trevas.

O nada reintegrado ao pensamento:
carícia de tempo, carência de voz
dissolvendo a escuridão
sob o relento lento.

Mestre

O ancinho na mão do mestre
recolhe as folhas caídas
ao chão agreste.
Consumidas pelo tempo,
vencidas por um ciclo de vida
que as fez nascer.
O mestre olha cada folha e
reconhece o broto tenro de outrora,
que viçoso e verde despontara.

E segue o mestre na sua faina diária,
centenária!

Zunido

O guarda apitou no sinal;
os paralelepípedos sentiram o zunido
e trepidaram:

passaram homens correndo de tênis
velocípedes
quadrúpedes;
passaram cigarros, chapéus e menestréis
poetas e guerrilheiros
aves de arribação;
passaram peruas (quase nuas)
vozes
beijos;
passaram aos solavancos
saltimbancos
avós de quarentena
tamancos das mil e uma noites;
passaram carroças e troças
tigres de dente de sabre
(tigres de “bengala”)
jacas maduras;
passaram gatunos
diversos e unos;
passaram...